

UNIVERSIDADE NA ESCOLA: PROJETOS DE ENSINO DE HISTÓRIA

Fausto Alencar Irschlingerⁱ

Atuando na formação de professores de História estamos envolvidos pelo “fascínio” e ao mesmo tempo pelas “incógnitas/receio”. Pelo fascínio, pois, temos a oportunidade de discutir, apresentar possibilidades e nos tornarmos partes constitutivas da formação dos mais importantes e insubstituíveis profissionais. Já estarmos envolvidos pelas “incógnitas”, se deve a grande responsabilidade que isso acarreta, bem como, pelas dificuldades que encontramos na tentativa de tornar os estágios em Prática de Ensino além de teóricos, meios práticos no percurso humano em direção à almejada práxis transformadora. No entanto, somos impulsionados a refletir e perseguir passos operativos, que possam atenuar o desgastado problema refletido em aliar teorias e práticas.

Nesse sentido, inúmeras questões emergem em torno da formação de professores, no que se refere a sua bagagem teórica e metodológica; habilidades formativas e pessoais para trabalhar com as diversidades e situações desafiadoras em sala de aula; posicionamentos; propostas governamentais e pedagógicas.ⁱⁱ

Temos assim, um borbulhar de questões de cunho pedagógico em torno da formação dos acadêmicos-estagiários. Desse modo, queremos nos direcionar ao estágio curricular como um fator importantíssimo, mas não único na formação do futuro profissional da Educação. Lembrando ainda, que o estágio curricular é tema de inúmeros debates no Brasil (como a educação escolarizada) levantando diversas discussões quanto à sua aplicabilidade, à mediação entre teoria e prática, sua adequação junto às renovadas propostas e “novos rumos” da História. Parece que ao mesmo tempo, que nos remetemos a “renovações”, visualizamos entraves.

Adicionados a esses entraves, detectamos uma certa inadequação da educação escolarizada ao panorama social brasileiro. Ligado a isso, temos o próprio estágio, que no perseguir de seus objetivos formativos, deveria tomar como ponto de partida a realidade e o

cotidiano da sala de aula como fontes de conhecimento. Destaca assim Jane Soares de Almeida:

Se o cotidiano de sala de aula caracteriza-se como fonte inesgotável de conhecimento, é daí que deverão ser retirados os elementos teóricos que permitam compreender e direcionar uma ação consciente que procure superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do papel do professor no sentido de apropriar-se de um “fazer” e um “saber fazer” adequados ao momento que vive a escola atual.ⁱⁱⁱ

Entretanto, apesar das problemáticas apontadas somos inspirados pela perspectiva de que o estágio possa ser um dos instrumentos valiosos na formação do professor, sendo um aliado ao chamado saber fazer. Um fazer politicamente comprometido que vise romper com a alienação, que não esteja centrado somente na técnica mas na reflexão, não apenas como um mero requisito a ser cumprido pelo estagiário, mas uma possibilidade de se espriar ações sociais.

Chamamos atenção, como destaca Almeida, ao papel do professor estagiário como agente comprometido com a educação, um ser dotado de criatividade, que possa substituir um estágio curricular acrítico e apenas descritivo, por um estágio crítico e relevante, interagindo com os sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, apresentamos uma proposta de trabalho que pode contribuir com a idéia de um processo de estágio renovador. Trataremos aqui, dos “Projetos de Ensino de História”.

Projetos de Ensino de Historia: limites e possibilidades

Através da realização dos Projetos de Ensino, buscamos aproximar o “mundo” das Universidades com o “mundo” dos Estabelecimentos de Ensino públicos, no caso, em Cascavel,PR. Nesse sentido, promovemos aulas, oficinas/atividades em torno da História do Paraná aos alunos do ensino médio e fundamental, envolvendo os alunos estagiários em História, professores e supervisores de Estágio (UNIPAR), professores estaduais e escolas.

Além de temáticas sobre a História do Paraná, também são desenvolvidos projetos que abordam temas como cidadania e identidade, diferenças sócio-econômicas, culturais, diferenças étnicas, etárias e de gênero.^{iv} Como podemos observar no demonstrativo que segue:

Temática 1: História do Paraná

A) Paraná: Ciclos Econômicos; B) Paraná: Imigração, Cultura e Sociedade.

Temática 2: História e Cidadania

A) Identidade e Cidadania; B) Diferenças sócio-econômicas, culturais, sociais, etárias, de gênero.

Com a preparação e desenvolvimento desses temas, objetivamos entre outros aspectos:

- ♦ Proporcionar aos alunos do Ensino Médio e Fundamental, maior conhecimento e reflexões sobre a história do Paraná e região, bem como, seu papel como sujeitos históricos;
- ♦ Possibilitar aos alunos/professores estagiários de Licenciatura em História, vivenciarem o ambiente escolar preparando-se para a sua vida profissional, desempenhando ações práticas em torno do ensino de História;
- ♦ Possibilitar aos alunos/professores estagiários uma prática docente mais dinâmica;
- ♦ Proporcionar uma maior integração entre Universidade, Curso de História e Escolas.

Para termos uma idéia do campo de abrangência dos projetos, elaboramos um quadro demonstrativo dos módulos já desenvolvidos em 2004 e em desenvolvimento no primeiro bloco/semestre de 2005:

Escola:	Bairro:	Nº de turmas envolvidas:	Estagiários envolvidos:
1º Semestre/2004			
Col. Estadual Pe. Carmelo Perrone	Alto Alegre	20 Ensino Médio – MT	55 6º período de história
Col. Estadual Júlia Wanderley	Claudete	10 Ensino Médio – NT	30 3º ano NT
Col. Est. Eleodoro Pereira	Centro	18 Ensino Médio – MT	60 3º ano MT
2º Semestre/2004			
Col. Estadual Mário Quintana	Paulo Godoy	07 Ensino Médio – MT	21 3º ano MT
Col. Estadual São Cristóvão	São Cristóvão	08 Ensino Médio – MT	24 3º ano MT
Col. Est. Santa Cruz	Santa Cruz	08 Ensino Fundamental	37 2º ano MT
		Total Turmas: 71 T. Alunos: 2485	
1º semestre/2005			
Col. Est. Wilson Joffre	Centro	19 Ensino Médio – MT	64 3º ano MT
Col. Est. Eleodoro Pereira	Centro	10 Ensino Médio – NT	44 3º ano NT

Vale ressaltar que oficialmente, nosso campo de estágios foi acertado pelo Núcleo Estadual de Ensino de Cascavel.^v Logo, além de trabalhar com pesquisas, observações,

regências e projetos nas escolas designadas, acabamos ampliando nossa área de atuação, seja pela necessidade de trabalho dos estagiários ou pela acolhida de nossos projetos.

Também fica perceptível com o demonstrativo anterior, o expressivo número de alunos envolvidos nas escolas públicas, bem como, a participação dos estagiários. Além dos projetos serem inéditos na área da História em Cascavel, são considerados pioneiros e inovadores pelas escolas que já os receberam, o que rendeu matérias em jornais locais e reportagens na mídia televisiva.^{vi}

Mas além dos números e grupos envolvidos, gostaríamos de apresentar os passos operativos em torno dos projetos de ensino. Onde esses projetos, após idealizados pelos professores de Prática de Ensino em História da UNIPAR (campus Cascavel) são apresentados e efetuados em parceria com os citados Estabelecimentos de Ensino. Desse modo, as escolas são contatadas e esclarecidas anteriormente dos objetivos, temas e possibilidades de trabalhos, podendo sugerir alguns procedimentos.

Através de esclarecimentos e preparações prévias, desempenhados com os estagiários de História, os mesmos organizam suas ações na busca e seleção de materiais e estratégias de atividades, sendo orientados pelos professores de Metodologia e Prática de Ensino.^{vii} Vale salientar a contribuição de disciplinas na formação dos estagiários, como História do Paraná, ao processo preparatório dos projetos.

Após formar pequenos grupos de estagiários, passam a ser preparadas aulas e atividades/oficinas. As quais, buscam ser desenvolvidas de forma dinâmica e abrangendo um número significativo de turmas nas escolas. Posteriormente os estagiários e professores são deslocados para a escola, o que chamamos de “Universidade e História na Escola”. Já o tempo de execução simultânea do projeto em uma escola, pode variar de cinco a dez horas e sua preparação atinge cerca de dois meses por módulo.^{viii}

Nesse sentido, auxiliando nas aulas expositivas e dialogadas, os estagiários buscaram utilizar ou criar diversos materiais em torno das temáticas propostas, como mapas específicos, cartazes, jornais e impressos, imagens, charges, painéis contendo fotos e textos explicativos, materiais de auxílio diversos em torno dos ciclos econômicos e questões

sócio-culturais referentes ao Paraná. Quanto aos temas de cidadania, identidade e diferenças sócio-econômicas, também são preparadas atividades podendo variar com apresentação de danças, representações, trabalho com músicas e paródias, trabalho com estatutos, direitos e normas, cartazes, imagens, charges, painéis, aspectos comportamentais, indumentárias e uso de outras técnicas.

No decorrer das atividades também podem ser criados com os alunos das escolas, diversificados materiais em torno das temáticas bases, promovendo maior interação entre os envolvidos, além das exposições de idéias e esclarecimentos de dúvidas. Logo, o objetivo desses trabalhos não está calcado na simples substituição dos conteúdos pelas técnicas, mas sim, em proporcionar atividades ligas aos temas que possam auxiliar na reflexão por parte dos alunos, despertando seu papel como sujeitos históricos em meio às diferenças e pré-conceitos.

Junto ao desenvolvimento ou após a realização dos projetos, buscamos detectar suas contribuições e seus limites, tanto na perspectiva da escola envolvida (direção, professores, alunos) como por parte das experiências adquiridas e sugestões dos professores estagiários. Com a realização de cada módulo retornamos à escola procedendo com as avaliações e considerações sobre os trabalhos.

Falando em avaliações, limites e possibilidades, podemos considerar que as atividades desenvolvidas em torno dos projetos ocorreram de forma positiva. Destacando que a disponibilidade dos colégios, seus coordenadores, como o acompanhamento por parte dos professores da instituição, revelam-se centrais na realização dos trabalhos e na obtenção dos objetivos alinhavados.

Os horários dos trabalhos também podem ser considerados adequados, bem como, a estrutura geral dos projetos, mas destaca-se a necessidade de ampliação do tempo de execução. Conforme as avaliações gerais dos estagiários, o desempenho do projeto, na maioria das vezes, superou as expectativas, chegando a categoriza-lo como uma “excepcional experiência-prática para a formação de professores de história”, além de “uma boa oportunidade para desenvolver trocas de experiências com seus colegas estagiários e

com os professores da escola”, ou ainda, “uma boa alternativa para perder o medo de enfrentar uma sala de aula”.^{ix}

Outro ponto fundamental é a percepção e o posicionamento da maioria dos alunos das escolas, onde destacam a maneira dinâmica e participativa dos trabalhos aliados com a história de seu Estado e região, noções de cidadania, deveres e direitos, aspectos culturais, contribuindo ao seu conhecimento e formação crítica.

Nas avaliações dos estagiários fica evidente que se tornou possível, com o desempenho dos projetos, conhecer uma nova realidade de trabalho. Bem como, obtiveram retornos diferenciados na aplicação as temáticas em mais de uma turma de alunos, percebendo assim, as diversidades.

No entanto, no que se refere aos limites alguns pontos merecem destaque. Apesar de contatos e preparações anteriores com as escolas e seus coordenadores, nem todos os professores do estabelecimento de ensino optam por acompanhar as atividades e projetos, alegando usar esses horários para os fazeres burocratizados. Outro aspecto mostra que alguns alunos de ensino fundamental e médio, demonstram inicialmente um certo descontentamento com a disciplina de história, o que acaba exigindo maiores estratégias, visando seu envolvimento nos projetos apresentados pelos professores estagiários. Mas na maioria dos casos, em meio a sua realização, acabam se incorporando e participando das oficinas e atividades propostas.

No que se refere aos estagiários, podemos detectar inicialmente uma certa apreensão frente ao desafio dos projetos e suas temáticas. Mas em sua maioria, fica evidente seu comprometimento e significativa preparação e participação nas atividades do projeto. Porém, um pequeno número desses “novos professores” nem sempre acabam se empenhando a contento, merecendo assim, maiores reflexões e motivação para sua prática.

Quanto aos professores de Metodologia e Prática de Ensino, é visível seu comprometimento na realização dos projetos e, sua contribuição com esses novos profissionais. No entanto, revelam a necessidade de obterem um tempo ainda maior

(delegado pelas instituições superiores) para seu deslocamento e acompanhamento dos estagiários visando o compromisso em auxiliar ao saber fazer.

Contudo, avalia-se a necessidade de ampliação dos trabalhos em torno da história do Paraná, cidadania e identidade, e o desenvolvimento de uma maior consciência social-cultural, como a ampliação de parcerias entre Universidades e Escolas. Cabe também citar:

Se os estágios em Prática de Ensino feitos durante a formação forem produtivos e ricos em experiência a não um fazer burocratizado que vise apenas o cumprimento de carga horária exigida, estes serão um instrumento valioso para desenvolver a postura crítica e proporcionar o referencial teórico-prático necessário ao profissional que exigem os tempos atuais, para a melhoria da escola e da educação – com conseqüências sociais alentadoras, mesmo que seja a longo prazo.^x

Buscamos aqui apresentar a modalidade de projetos de ensino como uma possibilidade, auxiliando na preparação e formação de professores e seu referencial teórico-prático, contribuindo para o que chamamos de “fascínio”. Além disso, essas alternativas podem proporcionar uma maior integração entre Universidade e Escolas públicas; entre estagiários e alunos do ensino fundamental e médio; entre formação e reflexão, valorizando o aluno e seu universo. Outro ponto importante diz respeito à busca da transversalidade, incluindo as demais áreas do conhecimento no trabalho com os projetos e temáticas bases.

Reforça Selva Guimarães Fonseca, ao defender a necessidade de uma reflexão permanente sobre nossa formação e ações, no texto que trata da nova LDB, os PCNs e o ensino de História:

... ensinar e aprender história requer de nós, professores de história, a retomada de uma velha questão: o papel formativo do ensino de história. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da história, ou seja, a história como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. Requer assumir o ofício de professor de história como uma forma de luta política e cultural. A relação ensino-aprendizagem deve ser um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre as diferenças culturais e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história, a arte e a vida.^{xi}

Vale lembrar, que a função formadora da Universidade não se concretiza de uma só vez, sendo um processo contínuo, que não se produz apenas no interior de um grupo, sendo resultado de condições históricas. A formação de profissionais como pessoas e cidadãos é uma das tarefas complexas a ser desenvolvida pelas Universidades, mas não como obstáculo, e sim como desafio. Se parece importante, os profissionais terem

consciência dos problemas, também é importante proporem alternativas para a sociedade brasileira.

O estágio dinamizado através de projetos de ensino, contribui expressivamente para a relação entre teoria e prática e ao processo de ensino-aprendizagem. Já o estágio curricular desenvolvido individualmente ou em parceria em uma determinada turma(s) de alunos não pode ser descartado, mas dinamizado e não apenas visto como cumprimento isolado de horas burocratizadas. Vale lembrar que as problemáticas, os “jogos de interesses” e o próprio “receio” com relação à educação e formação em nosso país, representam grandes desafios que merecem ser superados.

ⁱ Graduando e Mestre em História (UPF); Professor – UNIPAR (Universidade Paranaense), Cascavel-PR.

ⁱⁱ Maiores considerações podem ser vistas em: CHAUI, Marilena. As humanidades contra o humanismo. In: SANTOS, Gislene A. (Org.). Universidade, formação, cidadania. São Paulo: Cortez, 2001; FÁVERO, Maria de Lurdes de Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Hilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1999.

ⁱⁱⁱ ALMEIDA, Jane Soares de. Estágio supervisionado em prática de ensino – relevância para a formação ou mera atividade curricular? ANDE: Revista da Associação Nacional de Educação – Ano 13 – n. 20. 1994, p. 39.

^{iv} De certa forma, as temáticas apresentadas estão previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História. Já quanto às obras que tratam da possibilidade de articulação entre pesquisa e ensino, pensando conceitos-chave como identidade, cultura, cidadania e gênero e tratam de análises dos Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos citar: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003; FONSECA, Selva G. A nova LDB, os PCNs e o Ensino de História. In: Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003; NETO, José Alves de Freitas. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

^v Campo de estágio: Colégio Estadual Wilson Joffre; Col. Est. Júlia Wanderley; Col. Est. Marilis F. Pirotelli; Col. Est. Eleodoro E. Pereira; Col. Est. Pe. Carmelo Perrone; Col. Est. Cataratas; Col. Est. Washington Luiz; Col. Est. Jardim Clarito; Col. Est. Jardim Santa Cruz; Col. Est. Santos Dumont.

^{vi} Reportagens no jornal: O Paraná; no jornal Hoje (11/05/2004, p. 14); divulgação na TV RPC (Rede Paranaense de Comunicação) em outubro de 2004.

^{vii} Estamos apresentando alguns aspectos dos projetos de ensino de história, no entanto, discussões sobre o arsenal crítico do conhecimento histórico, e questões sobre a didática da história, podem ser vistos em: DIEHL, Astor Antônio; MACHADO, Ironita P. Apontamento para uma didática da história. Passo Fundo: Clio, 2001; FONSECA, Selva G. A nova LDB, os PCNs e o Ensino de História. In: Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

^{viii} Cabe lembrar que todos os professores das escolas envolvidas, independente de pertencerem à área das Ciências Humanas, são convidados para acompanhar os projetos de ensino, obtendo a possibilidade de estabelecer relações com seus conteúdos. Algo que melhor fomentado, poderia interligar a perspectiva do ensino temático e multicultural, presente nos próprios PCNs. Assim, chamamos atenção para as considerações de Selva G. Fonseca, ao discutir a necessidade de uma mudança pedagógica na formação inicial e continuada do docente, pois, a formação se dá ao longo da história de vida dos sujeitos somadas com suas experiências docentes. FONSECA, op. cit.

^{ix} Pequenos relatos extraídos das avaliações dos estagiários de Licenciatura em História (Cascavel, nov./2004).

^x ALMEIDA, op. cit., p. 42.

^{xi} FONSECA, op. cit., p. 37.